

Regimes de verdade e salvação cristã protestante: práticas de renúncia de si na produção do jovem louco por Jesus

Regimes of Truth and Protestant Christian Salvation: practices of
Self-Renunciation in the Production of the "Crazy for Jesus" Subject

Gislene Rangel Evangelista *
Shirlei Sales **

Resumo

Nesse artigo investigamos como a verdade sobre a salvação cristã atua na produção do jovem cristão Louco por Jesus. Para a realização do estudo, investigaram-se jovens envolvidos em uma prática religiosa protestante conhecida como Célula e uma página do Instagram denominada de a.rede. Nomeamos de Currículo da Célula Evangelizadora o conjunto de práticas que aconteceram nas reuniões presenciais da célula e as interações na a.rede. Currículo, por sua vez, é entendido como discurso, isto é, como práticas produtivas que se formam sob regimes de verdade sobre a fé cristã protestante. Como metodologia, articularam-se procedimentos da observação presencial e no ciberespaço e entrevistas. Argumenta-se que nesse currículo produz-se o louco por Jesus, um jovem cristão que renuncia a si mesmo para ganhar a vida eterna. As características e o modo como o/a jovem cristão deve se conduzir são ensinados por meio de práticas que ele deve operar sobre si mesmo e por meio delas conduzir a própria existência.

Palavras-chave: Renúncia de si. Juventudes. Currículo. Regime de verdade.

Abstract

This article investigates how the truth of Protestant Christian salvation operates in the production of the "Crazy for Jesus" Christian youth subject. The study draws on research conducted with young people involved in a Protestant religious practice known as the *Cell Group* (*Célula*) and an Instagram page called *a.rede*. We refer to the set of practices taking place during the in-person Cell Group meetings and the interactions on *a.rede* as the Evangelizing Cell Group Curriculum. Curriculum, in turn, is understood as discourse - that is, as a set of productive practices constituted within regimes of truth concerning Protestant Christian faith. Methodologically, the study combines in-person and cyberspace observation with interviews. We argue that this curriculum produces the "Crazy for Jesus" subject: a young Christian who renounces the self in order to attain eternal life. The characteristics that define this young Christian and the ways in which they are expected to conduct themselves are taught through practices of the self that they are called upon to perform, thereby shaping and governing their own existence.

Keywords: Self-Renunciation. Youth. Curriculum. Regimes of Truth.

Artigo submetido em 26 de novembro de 2024 e aprovado em 01 de setembro de 2026.

* Doutora e Mestra em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. País de origem: Brasil. ORCID: 0000-0002-7601-3073. E-mail: gislenerangel@gmail.com.

** Doutora e Mestra em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. País de origem: Brasil. ORCID: 0000-0003-4446-9508. E-mail: shirlei.sales@hotmail.com.

Introdução

Renunciar a si mesmo é uma prática central na condução da conduta cristã. Renunciar é morrer para si mesmo, e isso é fulcral para aqueles que vivenciam as práticas do Cristianismo. Além disso, trata-se de uma característica central da espiritualidade cristã analisada por Foucault. A renúncia de si consiste na recusa da própria vontade em favor da vontade divina, implicando submissão, obediência e transformação de si (Foucault, 2020). Ademais, a renúncia de si compõe um regime de verdades sobre a salvação cristã, no qual afirma-se que, para ser salvo, o jovem precisa morrer para as próprias vontades em detrimento à vontade de Deus. A renúncia de si conduz toda a prática cristã, e não há sujeito cristão sem que haja uma morte de si, das próprias vontades, dos desejos deste mundo. Trata-se de não viver para si próprio. Conduzir-se segundo a vontade do filho de Deus. “Viver é Cristo, morrer é lucro” (Bíblia, Filipenses 1, 21 ACF).

Já o conceito de regimes de verdade, refere-se ao conjunto de discursos, práticas e instituições que definem o que é considerado verdadeiro em uma determinada sociedade. A verdade não é entendida como universal ou neutra, mas como produzida historicamente e sustentada por relações de poder (Foucault, 2020). No contexto cristão, por exemplo, as Escrituras e a doutrina constituem um regime de verdade que orienta a conduta dos fiéis.

Neste artigo, refletimos em como a renúncia de si constitui-se como um fenômeno que tem impactado significativamente a vida de cristãos protestantes que se dedicam a conduzir a própria existência em um percurso de negação das próprias vontades para viverem conforme a vontade de Deus. Ancoradas nas discussões do filósofo francês Michel Foucault, analisamos a renúncia de si considerando que, para renunciar a si mesmo, é necessário que o sujeito retorne a si, a fim de que, se conhecendo, saiba o que precisa ser negado. Ele precisa se aniquilar em Deus, “perdendo sua identidade, sua individualidade, sua subjetividade na forma de eu, por uma relação privilegiada e imediata com Deus” (Foucault, 2006, p. 305).

O presente artigo traz parte dos resultados de um estudo mais amplo, em que se analisou a produção do jovem cristão no *Currículo da Célula*

Evangelizadora. As Células são reuniões de grupos religiosos que se encontram semanalmente para estudar a Bíblia e os ensinamentos cristãos protestantes. A primeira versão de reunião celular no Brasil surgiu a partir de um modelo importado do sul da Coreia, denominado G-5 (Governo dos cinco), formado inicialmente por cinco pessoas que se reuniam para estudar os ensinamentos bíblicos e elaborar estratégias de evangelização (Silva Filho, 2010). Depois da implementação da Igreja em Célula e o G-5, o líder religioso Cesar Domingues Castellano criou, em Bogotá, um modelo celular mais eficiente, segundo ele. Foi então que surgiu o modelo Celular do G-12 (Governo dos 12), formado por 12 pessoas (Andrade, 2010).

Atualmente, o formato das Células permanece sofrendo mutações. Uma delas diz respeito ao fato de que os grupos podem ser compostos por mais de 12 pessoas, “tendo à frente um líder de célula e um auxiliar de líder de Célula. O líder, por sua vez, é visto como pastor dos membros da célula” (Silva Filho, 2010, p. 47). O objetivo da Célula é a evangelização de seus participantes, o que ocorre por meio dos estudos e da reflexão que eles fazem dos textos bíblicos e do modo como devem conduzir a própria conduta frente a esses ensinamentos. Os membros da Célula são, em sua maioria, parte de uma mesma Igreja. As Células funcionam para garantir a saúde espiritual de seus participantes, pois nelas as pessoas aprendem a se conduzir conforme o modelo de cristãos segundo os princípios bíblicos e da Igreja. As reuniões de Célula duram em média uma hora e são organizadas com períodos de louvor, oração, estudo e reflexão das escrituras sagradas. É comum, ainda, a realização de lanche coletivo e de dinâmicas que promovam o engajamento entre os participantes.

Para desenvolver o presente estudo, tomamos por referência as formulações conceituais pós-críticas de currículo. Nessa perspectiva, currículo é um discurso que “diz sobre o tipo de sujeito que se deve com ele formar” (Paraíso, 2010, p. 11). Ao compreendê-lo dessa forma, entende-se que os conhecimentos organizados, fabricados e divulgados no currículo atuam na produção dos sujeitos. Além disso, ele está em muitos espaços e assume diferentes formas, se corporifica nos documentos, mas também está nas músicas, na dança, no teatro, nos filmes, na internet, entre muitas outras práticas e espaços (Paraíso, 2010).

Desse modo, o *Currículo da Célula Evangelizadora* se constitui na articulação entre o que acontece nas reuniões da Célula e nos desdobramentos de tais acontecimentos em uma página no *Instagram* vinculada ao grupo investigado, a *a.rede* – nome fictício criado para designar a página investigada na rede social. O que nomeamos de *Currículo da Célula Evangelizadora* é uma composição do que é produzido nas reuniões presenciais de Célula e do conteúdo divulgado na *a.rede*. As reuniões presenciais são permeadas de práticas que têm o objetivo de produzir o jovem cristão. Por meio de um roteiro preestabelecido ensina-se como ele deve se conduzir. A condução da conduta juvenil também é o objetivo das postagens veiculadas na *a.rede*. Ao divulgar quais práticas são exercidas por jovens cristãos, produz-se um modo específico de ser jovem. Esse é o objetivo do currículo investigado.

1 Percurso metodológico

A pesquisa que deu origem a este artigo se desenvolveu no campo das teorias pós-críticas. Desse modo, os pressupostos teórico-metodológicos articularam conceitos e ferramentas para interrogar os modos de produção da subjetividade em um currículo. Como consequência de pensar e fazer pesquisa organizada a partir do problema de pesquisa e do referencial pós-crítico, experimentamos diferentes ferramentas que, de modo articulado, possibilitaram a “produção de informação” (Meyer; Paraíso, 2012, p. 16). Durante cinco meses, observou-se um grupo de jovens que se reunia semanalmente na célula. A etapa de observação foi realizada tanto nas reuniões presenciais quanto na página da *a.rede*. Toda sexta-feira, durante os meses de novembro de 2021 a março de 2022. Ao todo foram 11 encontros presenciais.

O grupo investigado era composto por 13 participantes, sendo 4 homens e 9 mulheres, com idade entre 19 e 25 anos. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para pesquisa na área de educação – TCLE foi assinado por todos eles¹. Desses participantes, sete aceitaram responder às entrevistas e, a partir delas, foi possível ter acesso a algumas informações mais detalhadas sobre os

¹ O artigo é parte de uma pesquisa mais ampla envolvendo seres humanos. Considerando as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos (Resolução 196/96, de 10 outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde) e suas normas complementares, o projeto da pesquisa em questão foi submetido ao Comitê de ética, que emitiu o parecer nº 5.098.772, favorável a sua realização.

jovens. O acesso ao grupo de Célula investigado ocorreu por meio de um processo gradual de aproximação e negociação com diferentes lideranças religiosas. Em razão da experiência prévia de uma das autoras em grupos de Célula, já eram conhecidas igrejas em Belo Horizonte/MG que adotavam o modelo celular, especialmente aquelas voltadas ao público jovem. O primeiro contato foi realizado com um pastor de uma dessas igrejas, que, após conhecer os objetivos da pesquisa, indicou uma rede de evangelização juvenil reconhecida nacionalmente por seu trabalho com estudantes do ensino médio e universitários.

A partir dessa indicação, foi feito contato com diferentes líderes da rede, apresentando reiteradamente os objetivos da investigação e os procedimentos éticos adotados. A partir disso, as autoras foram direcionadas para o pastor responsável pelas Células, que indicou a realização da pesquisa com um grupo de jovens da região noroeste de Belo Horizonte. A rede possui um perfil no Instagram destinado a evangelização no ciberpaço e divulgação dos grupos de Células que também foi investigado. Para preservar o anonimato das fontes pesquisadas, os nomes dos participantes citados e o perfil do Instagram (*a.rede*) são fictícios.

A prática da observação ocorreu nas reuniões presenciais e no ciberespaço. A reunião presencial da Célula era organizada em quatro etapas: um lanche coletivo no início, abertura com uma dinâmica (quebra-gelo), estudo da Bíblia e encerramento com um louvor e uma oração. Durante o lanche, os jovens conversavam mais livremente sobre coisas cotidianas como trabalho, faculdade, lazer, jogos, família, entre outras coisas. Na hora da dinâmica, era comum algum tipo de interação mais descontraída como uma brincadeira ou algum desafio. Esse momento é conhecido como “quebra-gelo”, pois envolve alguma atividade de descontração. Já no momento do estudo da Bíblia, um jovem era responsável pela condução. Por fim, uma música gospel que se relacionava ao tema estudado no dia era colocada para tocar, geralmente pelo celular de um dos jovens, e todos eram convocados a orar.

Durante a observação utilizou-se ferramentas como registros em diário de campo e gravação em áudios das reuniões que, posteriormente, foram transcritos. Concomitante a isso, realizou-se a observação no ciberespaço. Criou-se uma

rotina diária, em que durante uma hora por dia eram verificadas as postagens antigas e recentes da página da *a.rede*, bem como as interações advindas delas. As postagens eram compostas por imagens, vídeos e textos escritos. Metodologicamente, isso demandou que a organização do material incluísse a realização de *downloads*, captura de telas e transcrição de músicas e vídeos. A análise dos vídeos foi feita de forma minuciosa, a fim de capturar as sutilezas e expressões que são familiarizadas no universo cristão, para conseguir explicá-las no texto. Os arquivos foram armazenados e agrupados, conforme aproximação entre as temáticas. Buscou-se compreender como o jovem é produzido no *Currículo da Célula Evangelizadora*, bem como entender em meio a quais jogos de poder as práticas de si são ali produzidas e acionadas. Investigou-se que relações de poder-saber são estabelecidas e quais técnicas são acionadas para colocar em funcionamento modos de condução da conduta que devem ser praticados pelo jovem cristão.

Também foram realizadas entrevistas com os participantes de célula. Indagamos os jovens sobre o melhor momento em que pudéssemos realizar as entrevistas. Todos eles preferiram que fosse ao final da reunião. Essa etapa foi desafiadora, pois os jovens nem sempre chegavam ao horário marcado para o início da Célula e por isso a reunião também não tinha hora certa para terminar. Algumas vezes, acabava tarde, não sendo possível a realização da entrevista. Conseguimos entrevistar sete jovens, dos treze que participavam da Célula. Decidimos ampliar as discussões que surgiram a partir das entrevistas para darmos continuidade via *WhatsApp*. Assim, sugerimos que aprofundassem mais nas reflexões que as questões haviam suscitado neles, em um momento em que estivessem mais tranquilos, para que pudessem falar mais livremente sobre o assunto proposto. Combinamos que eles poderiam responder às perguntas por áudio ou de forma escrita, e assim fizeram.

Com as entrevistas em mãos, transcrevemos todo o material e realizamos algumas marcações indicando possíveis agrupamentos. Na articulação entre as notas de diário de campo, obtidas por meio da observação, as entrevistas, *downloads* e os diferentes *prints* de tela da página do *Instagram*, realizaram-se agrupamentos temáticos, atribuindo-lhes significados a partir da lente teórico-

metodológica. Passamos, então, à análise desse material, de modo a enfatizar aquilo que foi narrado, escrito, postado, compartilhado, comentado, curtido, expressado.

A partir das informações produzidas por meio dessa metodologia de pesquisa, o argumento aqui desenvolvido é que, por meio de práticas de renúncia de si, no *Currículo da Célula Evangelizadora*, produz-se o jovem cristão *Louco por Jesus*. Ele é governado por um regime de verdades sobre a salvação cristã, no qual afirma-se que, para aceder a Deus e ser salvo, o jovem precisa morrer para as próprias vontades. Desse modo, por meio da direção cristã, ele irá se conduzir por práticas de confissão, obediência e oração, não aceitando ser governado pelos padrões da vida cotidiana. Considerando o referencial foucaultiano acerca dos processos de subjetivação, neste artigo nomeamos "Louco por Jesus" a posição de sujeito constituída no e pelo currículo investigado, caracterizada pela condução de si em conformidade com as práticas, os discursos e as verdades que esse currículo institui e legitima. Os padrões que precisam ser renunciados são aqui analisados como práticas de pecado, que podem ser identificadas como o sexo antes/fora do casamento, o consumo de drogas e bebidas alcoólicas entre outras práticas condenáveis pela igreja. Enquanto, para outros jovens, essas práticas possam ser consideradas comuns, o jovem cristão Louco por Jesus deverá renunciar a elas, se conduzindo segundo o que ele acredita ser a vontade de Deus.

À medida que renuncia a si e a tudo o que, segundo lhe é ensinado, o afasta de Deus, o jovem cristão se distingue dos demais, criando um mundo paralelo em que Deus está no centro de tudo. Ou seja, ele vive no mundo, mas não se considera pertencente a este mundo. Ele entende que está aqui apenas de passagem, pois seu lugar é na eternidade (no céu) e é lá que ele se encontrará com seu salvador (Jesus). Para que isso aconteça, será necessária uma cotidiana morte de si, deixando de viver suas vontades para que Cristo o/a habite e viva através dele/a.

2 Regimes de verdade sobre a salvação: Loucos por Jesus

Quem são os Loucos por Jesus? Lutar contra todas as coisas e experiências que o mundo tem a oferecer que são dissonantes dos ensinamentos cristãos,

vislumbrando uma vida que só é possível viver ao morrer. Loucura! No discurso religioso cristão a vida eterna constitui a verdade da salvação. Por meio dele, ensina-se que após a morte, todos que creem em Jesus e forem batizados serão salvos e herdarão a vida eterna. Viver almejando a morte e, conseqüentemente a salvação eterna, parece loucura. Para o jovem cristão, viver a vontade de Cristo em detrimento de sua própria vontade é o único motivo de ainda estarem neste mundo. No *Currículo da Célula Evangelizadora*, o jovem cristão não se importa que os outros pensem que isso é loucura, pois ele deseja mesmo ser reconhecido como louco por Jesus. É possível observar isso na Figura 1, que se refere a uma postagem publicada na página da *a.rede*, cuja temática se relaciona aos eventos religiosos voltados para os jovens, sobretudo as Células juvenis.

Figura 1 – Loucos por Jesus



Fonte: *a.rede*

Ser Louco por Jesus é a prescrição feita na postagem da figura acima. No *Currículo da Célula Evangelizadora*, afirma-se que o jovem cristão Louco por Jesus é compreendido. O que o afirma como Louco por Jesus é seu estilo de vida. O modo como se conduz precisa ser diferente dos demais jovens. Governado pelo discurso religioso acerca da salvação e vida eterna, ele sabe que o que importa mesmo é a vida vindoura, conforme analisamos um pouco adiante. Na postagem,

tem-se um vídeo que inicia com um jovem parado como se estivesse diante de outra pessoa. Uma voz de assistente virtual diz “só sabe falar de Jesus, não fala outra coisa. Vou sair da sua vida”, indicando que a outra pessoa está fazendo uma crítica ao jovem, que só sabe falar de Jesus. Na sequência, é possível ouvir outra voz e o jovem que aparece na imagem começa a fazer uma dublagem em resposta à assistente virtual: “Quer que eu chame um táxi?”. Na legenda da publicação, os jovens são chamados de Loucos por Jesus. Percebe-se que o jovem cristão se reconhece com orgulho como alguém que fala de Jesus o tempo todo. Ele também sabe que isso pode incomodar quem se conduz de modo diferente. Entretanto, o jovem cristão parece não se importar com isso, sugerindo que se a pessoa quiser ir embora por causa disso, ele até chama um táxi. Ainda que pareça loucura se conduzir dessa forma, ele não se perturba com isso. No currículo investigado, se conduzir como Louco por Jesus é uma conduta compreensível.

O post endereçado aos jovens é permeado por elementos da cultura juvenil e da cibercultura. Em sua publicação foi acionada uma ferramenta muito utilizada pelos jovens que navegam pelo *Instagram*, o vídeo do *reels*. *Reels* é uma palavra da língua inglesa que significa carretéis ou bobinas. Os vídeos do *reels* são curtos, produzidos utilizando-se de várias ferramentas disponibilizadas pelo *Instagram*. É possível usar fotos, vídeos, áudios e muitos outros recursos disponíveis na cibercultura. Conforme Fernanda Peixoto (2020) explicou para o blog Culturadoria, vídeos produzidos no *Reels* são feitos de forma criativa, com músicas famosas ou a narração do próprio usuário. É possível gravar na hora, fazer edição e cortes, usar vídeos ou fotos da sua biblioteca e, ainda, salvar para postar depois. Criar e publicar *Reels* no *Instagram* é uma prática recorrente entre os/as jovens.

Loubak (2020) escreveu, em um artigo para a *TechTudo* explicando o que é *Reels* no *Instagram* e como ele funciona, que se trata de “um recurso da rede social que veio para concorrer diretamente com o *TikTok*, aplicativo chinês muito popular entre o público adolescente. A ferramenta [...] permite criar microvídeos criativos usando áudios e efeitos [...]”. Usuários do *Instagram* utilizam a novidade para produzir dublagens, *challenges*, que são os famosos desafios, entre outras possibilidades. Cada vídeo tem duração entre 15 e 90 segundos e pode ser

postado via *feed*, *stories* ou compartilhado via mensagens diretas (DMs).

Quando uma postagem é feita por meio do *Reels* no *feed*, de forma automática, ela é direcionada para uma aba exclusiva para postagens de *Reels* no perfil do usuário. O *Instagram* também mantém um espaço nomeado como Explorar, onde todos os vídeos do *Reels* ficam em destaque, ou seja, cada vídeo produzido pode ser acessado por qualquer usuário por meio do Explorar. Isso potencializa a capacidade de alcance de outros seguidores. Outra estratégia utilizada na publicação para aumentar o alcance do vídeo é convocar o jovem a compartilhá-lo.

Coadunando com o ensinamento de que o jovem protestante está nesse mundo, mas não pertence a ele, pois o que importa é a vida eterna, na Figura 2 é possível observar outra postagem feita na página investigada no *Instagram* em que os jovens são chamados de “peregrinos em terra distante”.

Figura 2 – Peregrinos/as em terra distante

SOMOS HOMENS PEREGRINOS EM TERRA
DISTANTE

Uau! Quem participou desde último culto com certeza foi impactado do começo ao fim. Pra encerrar, deixamos aqui o vídeo feito pela área Peregrinos.

Marca nos comentários um amigo que você quer abençoar com esse vídeo!

Fonte: a.rede.

De acordo com o dicionário Priberam ², peregrino é aquele que é estrangeiro, que vem de terras distantes, que não é nativo. Ou seja, aquele que vive em um lugar ao qual não pertence. Ao afirmar que são peregrinos, é ensinado ao jovem cristão que ele não pertence ao mundo em que vive. A Figura 2 refere-se à legenda da postagem de um vídeo composto por imagens de um jovem que caminha de costas, na contramão de tudo, e uma voz masculina narra o texto. Alguns trechos narrados no vídeo serão explorados a seguir.

² Peregrino. In: Dicionário Priberam. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/peregrino>. Acesso em: 5 dez. 2020.

“Certamente, Jesus em seu evangelho nos chama para viver. O engraçado na verdade são quantos convites Ele nos faz para morrer”.³ O vídeo faz menção a uma morte necessária ao sujeito cristão, por meio do resgate da história de morte e ressurreição de Jesus. No cristianismo, Jesus é o maior exemplo de renúncia de si em favor da salvação da humanidade. Segundo descrito nos evangelhos de Mateus, Lucas, Marcos, João e em vários outros trechos bíblicos, o filho de Deus veio ao mundo como homem, se esvaziou de suas prerrogativas como Deus (Bíblia, Filipenses 2, 5-8) e, embora muitas pessoas o reconhecessem como filho de Deus, abriu mão de sua identidade e se entregou à morte. Segundo o Cristianismo, Jesus renunciou a si mesmo para viver a vontade de Deus na Terra e, com seu exemplo prático, deixou esse ensinamento às pessoas que desejam segui-lo. Renunciar a si mesmo é um requisito para experimentar uma vida em Cristo. Vida essa que só se pode viver ao morrer para as próprias vontades, moldando seus desejos às vontades de Deus e de seu filho. O texto leva à reflexão sobre a necessidade de morrer para si. De acordo com o que é narrado no vídeo, é Jesus quem convida à morte com a promessa de ressurreição. É dele também o exemplo de morte e ressurreição, trazendo a esperança de uma vida eterna. Assim, “a morte, instrumento de castigo, torna-se um instrumento de salvação, quando associada à ressurreição” (Foucault, 2020, p. 103). “*Morrer para viver. Perder para vencer.*” A morte a que se refere não é física. Trata-se de morrer para as experiências desse mundo, deixando de viver conforme os valores e as culturas que aqui são comuns, afinal, viver de acordo com os padrões deste mundo rouba do jovem cristão a eternidade.

É preciso “*negar a si mesmo ou a qualquer padrão*”, referindo-se ao estilo de vida dos jovens contemporâneos. Segundo a narração do vídeo que acompanha a postagem da Figura 2, os padrões da vida cotidiana, ou seja, as experiências que se vivencia ao estar neste mundo, são, na verdade, *coisas que [os] afastam da verdadeira vida tão sonhada, mas também [os] afasta[m] da tal morte mencionada*. Divulga-se que a vida sonhada pelo sujeito cristão não é a que aqui se vive. Conduzir-se conforme os padrões do mundo afasta da morte de si que é necessária na conduta cristã.

³ Utiliza-se o itálico para distinguir os trechos que compõem o vídeo da postagem.

Outro fragmento do texto narrado no vídeo reitera que a morte de si é demandada pelo próprio Jesus: *Ele [Jesus] disse que todos aqueles que tentassem poupar [sua vida] perderão. E aquele que não cogitar e se entregar, o verdadeiro galardão receberá*, referindo-se à própria vida, ou seja, só receberá o galardão – que nada mais é que a vida eterna – aquele que renunciar à própria vida.

Para convencer o sujeito cristão à prática da renúncia de si, o argumento que se utiliza no *Currículo da Célula Evangelizadora* é ancorado na verdade sobre a salvação cristã que consiste em afirmar que só é possível ter acesso a Deus e ser salvo por meio da morte de si, a qual produzirá uma recompensa àqueles que forem fiéis a esse ensinamento. Essa recompensa também é explorada no vídeo: *“Sua presença e o seu amor é o que recebemos. Vida por meio da ressurreição desfrutamos, alegria da salvação que jamais cessará”*. O jovem cristão Louco por Jesus é ensinado que, ao morrer para si mesmo, ele terá acesso a Jesus, ao seu amor e ressuscitará para desfrutar da vida eterna.

No *Currículo da Célula Evangelizadora*, reiteradas vezes a renúncia de si aparece como um ensinamento que precisa ser obedecido para tornar-se um sujeito cristão. *“Se vivo Ele [Jesus] está, nós o seguiremos vivendo a obediência da morte e da entrega, dia após dia, até com Ele ressuscitar [...] Vencedor é aquele que permanecerá em um mundo perdido, de ponta-cabeça viverá, confiando em sua fidelidade que jamais cessará”*. O fragmento acima evidencia que a morte de si é uma exigência para os seguidores de Cristo. Isso significa que todo aquele que deseja viver segundo o cristianismo precisará renunciar a si próprio e ser fiel a um dos mais importantes princípios cristãos. Obedecendo a esse ensinamento, ele ressuscitará, assim como Jesus. É por meio da obediência que esse sujeito poderá se conduzir à renúncia de si (Foucault, 2014a). A renúncia de si é um ensinamento que acompanha o sujeito cristão do ato da conversão até o final da sua vida. Ele precisará praticá-la cotidianamente, decidindo morrer para si diante de cada nova situação que o colocar frente a essa escolha. A renúncia é postulada na forma de humildade que desautoriza a vontade própria. Para se “conduzir a uma humildade em que a vontade própria terá desaparecido, toda ascese deve ser feita na forma geral da obediência” (Foucault, 2014a, p. 167).

A renúncia às próprias vontades é a morte de si. E ambas atuam na produção do louco por Jesus.

A vida eterna sonhada pelos cristãos é prometida pela morte. A compreensão da existência de uma morte de si que faz ressurgir para uma vida em Cristo simboliza o momento da conversão e faz parte do que Foucault chamou de *metanoia*. Ou seja, trata-se da “consciência e atestação daquilo que se está deixando de ser e da existência regenerada segundo a qual já se vive. [...] Ela mantém juntos, na ordem do tempo, aquilo que não somos mais e aquilo que já somos; na ordem do ser, a morte e a vida” (Foucault, 2020, p. 80). Em sua complexidade, a *metanoia* leva a alma a aceder à verdade, pois ela tem, “na ordem da verdade, a consciência de que realmente pecamos e a atestação de que verdadeiramente nos convertemos” (Foucault, 2020, p. 80). Morte-ressurreição. Morrer para si e ressuscitar para uma vida em Cristo. Nisso consiste toda a economia da salvação, ora, a verdadeira vida só pode ser experimentada após a completa negação de si e da vida que se vive aqui neste mundo. Mas o que seria a vida que se deve renunciar prescrita no *Currículo da Célula Evangelizadora*? São as práticas de pecado. Somente ao resistir ao pecado, o jovem cristão Louco por Jesus terá acesso à verdade da salvação.

Ao analisar a morte-ressurreição no Cristianismo, Foucault (2020) faz um apontamento importante. O autor refere-se a um desligamento que o sujeito opera ao renunciar ao mundo de pecado e desviar-se da morte. Para ele, esse rompimento com o mundo “toma cada vez mais a forma de um exercício de si sobre si que consiste numa mortificação – numa disposição voluntária à morte, aplicada, contínua, em relação a tudo o que pode ligar o pecado na alma ou no corpo” (Foucault, 2020, p. 104).

Para a efetivação do rompimento com o mundo, uma série de práticas de si são postas em ação. É preciso manter-se afastado de coisas que fazem pecar, negar a si mesmo, ou seja, negar suas vontades, seus desejos. É preciso viver em obediência a Deus e a tudo o que é ensinado por meio da evangelização. O Louco por Jesus precisa se opor ao que mundo oferece, renunciando a uma vida de pecado. A renúncia de si está intimamente ligada à renúncia ao pecado, ou seja, a tudo aquilo que a igreja condena, como o sexo antes do casamento e os vícios,

por exemplo. Isso porque viver conforme as próprias vontades pode significar sucumbir aos prazeres da carne e às vontades do corpo, desenvolvendo práticas que são consideradas pecaminosas. Para saber quais práticas de si os jovens acionam para renunciarem ao pecado, durante as entrevistas, foi perguntado como eles fazem para evitar atos considerados pecaminosos. Os trechos de entrevistas a seguir mostram que, para os jovens, essa renúncia não é uma escolha fácil. *“Não é algo fácil, mas orar e clamar pela ajuda do Espírito Santo em um momento de tentação me ajuda muito”* (Ester⁴, 19 anos, entrevista.)⁵.

Para a jovem Ester, a prática que ela precisa desenvolver para manter-se longe do pecado é a oração. A oração é uma prática de si que conduz seu praticante a se examinar e confessar suas falhas. Ester a aciona quando precisa de ajuda para vencer o que ela chama de tentações. Nessa prática é comum o exame de si, pois é necessário identificar quais são as dificuldades enfrentadas, quais são as tentações que atravessam a alma e como não sucumbir a elas. A oração é marcada pela relação de si para consigo, afinal, exige o reconhecimento de si como falho, pecador e que necessita de ajuda para manter-se temperante. Se para Ester o pedido de socorro a Deus por meio da oração é o que a ajuda a renunciar ao pecado, para Raquel a ajuda de alguém que exerce o papel de líder também pode ser útil.

[...] uma outra coisa que é muito importante que é o discipulado, que é esse tempo que a gente tem com os nossos líderes, ir ali falar, tipo confessar algum pecado e falar alguma coisa que a gente não está conseguindo fazer ou precisa de ajuda, isso é bem importante (Raquel, 20 anos, entrevista).

Segundo a jovem, não é apenas o relacionamento com Deus que a ajuda a negar o pecado. Para ela, o discipulado e a prática da confissão também são muito importantes. O discipulado é a prática da evangelização dirigida por uma líder, assim como acontece na Célula evangelizadora. O líder exerce o papel de discipulador, ou seja, de tornar o jovem um discípulo de Cristo, ou, como analisamos neste artigo, torná-lo um jovem cristão. O discipulado é uma forma de “direção cristã” e essa, segundo Foucault,

⁴ Os nomes dos/as jovens entrevistados são fictícios, inspirados em personalidades bíblicas.

⁵ Os trechos das entrevistas e das notas de diário de campo estão grafados em itálico para diferenciar das citações diretas com mais de 3 linhas, que seguem formatação conforme a norma.

[...] tem por alvo a renúncia à vontade. Ela repousa sobre o paradoxo de uma tenacidade em não querer. A submissão ao mestre que é seu instrumento indispensável jamais conduz ao ponto em que pode se estabelecer a soberania sobre si mesmo, mas ao ponto em que, despojado de todo o domínio, o asceta só pode querer o que Deus quer (Foucault, 2020, p. 168).

A direção cristã conduz à renúncia do próprio querer. Para Foucault (2018), ela é composta por três práticas de si: obediência, exame de si e reconhecimento das faltas. Essa tríade se organiza em práticas que envolvem “ouvir o outro, olhar para si mesmo, falar para o outro de si mesmo” (Foucault, 2018, p. 262). Raquel afirma que falar de seus pecados e das suas dificuldades para um líder ajuda a renunciar ao pecado. Ela recorre à direção que seu líder a dará, certa de que ele lhe dirá o que fazer para renunciar a si e aos seus desejos pecaminosos. Para que a direção cristã seja eficaz, a jovem precisará obedecer às instruções dadas, examinar-se continuamente para identificar as próprias falhas, corrigi-las e evitá-las, colocando em prática uma série de exercícios sobre si mesma. Nas palavras de Foucault (2020, p. 160), a direção consiste em um “adestramento à obediência, entendido como renúncia às vontades próprias por submissão à de outro”. Ao buscar ajuda de seu discipulador, Raquel se submete à autoridade que seu líder exerce sobre ela e passa a se conduzir conforme seus ensinamentos. Em meio a um “jogo de anulação-substituição (anulação da vontade própria, substituição pela vontade de um outro)” (Foucault, 2020, p. 160), a jovem cristã obediente que renuncia a si mesma é produzida.

Os estudos foucaultianos abordam a direção da consciência no estoicismo imperial, mostrando como ela se efetiva na relação entre o mestre e seu discípulo. Entretanto, o filósofo situa sua origem no cristianismo, mostrando-a como técnica de condução da conduta que atua no governo das almas, também denominado de poder pastoral (Candiotto, 2008). Na sua especificidade, “o governo das almas abrange a estruturação de mecanismos de poder de cunho religioso” (Candiotto, 2008, p. 92). Governar a alma implica o “modo pelo qual as práticas de obediência integral e de confissão exaustiva buscam sujeitar os indivíduos, na medida em que deles é exigida a renúncia completa da vontade” (Candiotto, 2008, p. 95). Ao renunciar a si mesmo, o jovem cristão passa a se conduzir por um regime de verdades que assevera que é preciso morrer para si e, então, viver para Deus. Segundo esse regime de verdade, ele deve se conduzir em

obediência, negando a si mesmo, adotando um estilo de vida que é ditado por outra pessoa, que pode ser seu líder ou pastor.

Segundo Candiotto (2008), a obediência do governo pastoral é infinita. Aquele que é dirigido “é o fiel convicto de que a vontade própria é ruim. A renúncia de si, da qual tanto se fala na direção cristã, concerne à mortificação completa da vontade” (Candiotto, 2008, p. 99). O benefício de tal renúncia consiste na salvação.

O protestantismo postula a salvação como maior objetivo do cristão. Para alcançar a salvação, o cristão deverá se conduzir de determinadas formas, e essas condutas são governadas em meio a regimes de verdades. Foucault reconhece a existência de um duplo regime de verdades no Cristianismo, organizado por Candiotto (2008) da seguinte forma: o primeiro refere-se à verdade revelada. Essa consiste no fato de o indivíduo “aceitar certo número de deveres, de considerar alguns livros como uma fonte de verdade permanente, de consentir com decisões autoritárias em matéria de verdade, de crer em certas coisas – e não apenas crer nelas, mas ainda mostrar que ele crê nelas [...]” (Candiotto, 2008, p. 102). O segundo regime de verdade “se apresenta naquelas práticas que versam sobre a exploração dos segredos individuais, cujo objetivo é a extração de verdades interiores e escondidas na alma” (Candiotto, 2008, p. 102). Esse segundo regime de verdade conduz a prática da confissão. Tanto a obediência quanto a confissão são práticas que buscam sujeitar os indivíduos, pois, por meio delas, exige-se a renúncia completa da própria vontade.

No trecho da entrevista de Raquel, ela afirmou que a confissão é necessária para a renúncia do pecado. A confissão requer um exame de tudo o que passa na alma para que seja revelado ao outro. Foucault explica que a confissão também caminha imbricada ao exame de si, sendo, portanto, “o olhar sobre si mesmo e a colocação em discurso daquilo que ele apreende” (Foucault, 2020, p. 183). O autor afirma que a confissão nada mais é que um jogo de luz e uma inversão do poder. O pecado oculto exerce um poder sobre o indivíduo e o aprisiona, porém, quando este o confessa, torna-se livre, pois a confissão “tem uma força operatória que lhe é própria: ela diz, ela mostra, ela expulsa, ela liberta” (Foucault, 2020, p. 187).

Foucault (2020) analisa a confissão como um dos procedimentos da penitência. Para o autor, essa prática é difusa e essencial. Difusa porque “não se trata de um rito preciso, localizado no conjunto de procedimento” e essencial porque “se trata de uma dimensão constante do exercício penitencial” (Foucault, 2020, p. 140-141). Segundo o filósofo, a confissão é uma forma de manifestação da verdade, pois ela se caracteriza pela enumeração dos pecados cometidos. Não apenas isso, esse olhar incessante sobre si é acompanhado por um “dizer verdadeiro a propósito de si mesmo” (Foucault, 2020, p. 188). É um trabalho que tem o objetivo de revelar ao outro e a si mesmo tudo o que se esconde nos cantos mais escuros da alma. Trata-se de fazer emergir uma verdade sobre si que não era conhecida por ninguém. Essa veridicção de si está fundamentalmente ligada à renúncia de si, e, segundo Foucault,

O trabalho indefinido para ver e dizer o verdadeiro de si mesmo é um exercício de mortificação [...], em que o dever de penetrar indefinidamente a interioridade da alma está ligado a obrigação de uma exteriorização permanente do discurso endereçado ao outro; e em que a pesquisa da verdade de si deve constituir uma certa maneira de morrer para si mesmo (Foucault, 2020, p. 190).

Obediência é a base para o funcionamento da direção cristã, a qual tem como objetivo levar o indivíduo a uma completa renúncia de si. Nos trechos de entrevistas abaixo, é possível perceber como a direção cristã está presente também na própria relação que os jovens estabelecem com o *Currículo da Célula Evangelizadora*. Eles o veem como espaço de aprendizagem porque são ali dirigidos. Ao serem indagados sobre o que eles aprendem nas reuniões de Célula e na *a.rede*, é possível perceber que, para eles, ambos são territórios de aprendizagem.

[...] eu aprendo com a Célula é, assim, no geral, meu relacionamento com Deus, entender mais os valores de Deus e as coisas de Deus e ter um tempo ali pra adorar a Deus, pra estar mais perto [...] (Raquel, 20 anos, entrevista).

As Células são importantes para a gente aprender, sabe? Principalmente sobre a caminhada cristã (Miguel, 21 anos, entrevista). A *a.rede* é uma área que podemos crescer e ser guiados da melhor forma na vida cristã (Miguel, 21 anos, entrevista).

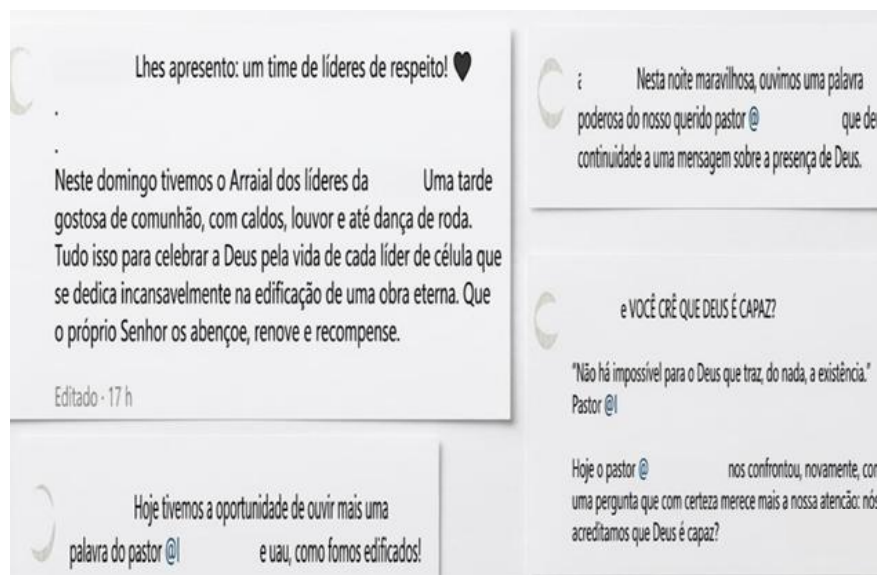
[Na *a.rede*] Aprendo a crescer espiritualmente e a seguir o caminho de Cristo, sempre o colocando em primeiro lugar (Rute, 20 anos, entrevista).

Dos sete jovens entrevistados para a pesquisa que subsidia esse artigo, Raquel, Rute e Miguel pensam de forma semelhante sobre as reuniões da Célula

e a página *a.rede* no Instagram. Para eles, a Célula é lugar de aprender sobre a caminhada cristã e sobre como se relacionar com Deus. Raquel listou coisas que aprende nas reuniões da Célula, para ela, lá é espaço para “entender mais os valores de Deus e as coisas de Deus e ter um tempo ali pra adorar a Deus, pra estar mais perto”. O mesmo eles disseram sobre a *a.rede*. Para Miguel, a *a.rede* é um espaço em que eles podem “crescer e ser[em] guiados da melhor forma na vida cristã”. Crescimento espiritual também foi a resposta de Rute sobre a página na rede social.

Percebe-se que o jovem cristão está em busca da direção cristã. Ele deseja os ensinamentos prescritos no *Currículo da Célula Evangelizadora* e tem certa dependência em se conduzir conforme os saberes que ele divulga. Nos estudos foucaultianos, a direção cristã também remete a uma relação de dependência que o discípulo tem de seu mestre. Considerando a configuração das relações entre líderes e liderados comum na organização celular, essa direção se estende ao ciberespaço. A página que o grupo segue no Instagram é alimentada com postagens que disseminam ensinamentos feitos por pessoas que exercem o papel de líderes, seja liderando uma Célula, seja como pastores.

Figura 3 – Líderes de respeito



Fonte: *a.rede*.

Essas postagens parecem significar que, mesmo no *Instagram*, há a

influência de alguém que exerce a direção cristã sobre a vida dos jovens cristãos. Ou seja, eles estão sendo dirigidos por outro. Não são raras as postagens em que frases ditas por um líder sejam acionadas para conferir status de verdadeiro ao que se diz. No primeiro post que compõe a Figura 3, a expressão “time de líderes de respeito” faz referência a uma foto em que estão mais de trinta jovens, que exercem a função de líderes, entre eles estão líderes de Células, supervisores de Célula e pastores. Todos eles exercem a direção cristã. No caso do currículo investigado, todos os líderes são jovens que ora dirigem outros jovens, ora são dirigidos pelos pastores da Igreja.

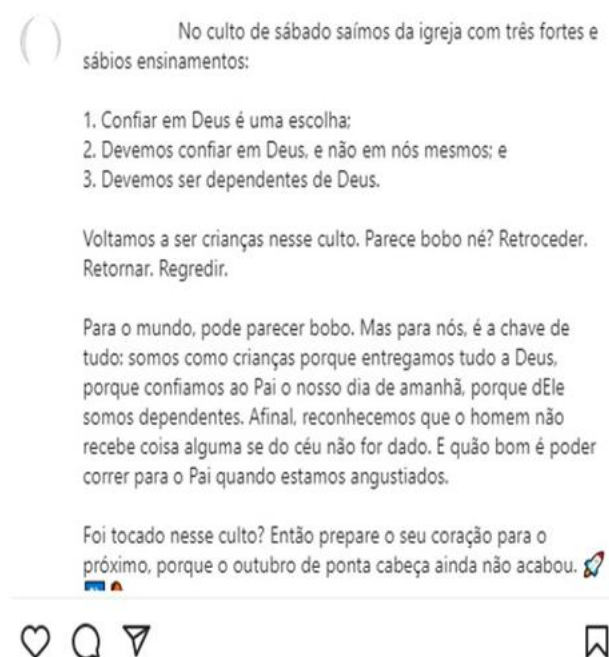
Na Célula investigada, a líder é a jovem Raquel. E foi justamente ela que afirmou ter a necessidade de buscar orientação de um discipulador para negar o pecado. Essa relação entre dirigir e ser dirigido é analisada por Foucault ao mostrar como a direção da consciência elabora um fluxo de obediência que também deve ser seguido pelo diretor. No Cristianismo protestante, existe a figura do pastor que é o líder maior na organização da Igreja. Ser pastor é um cargo que se exerce nas Igrejas Evangélicas. Tanto no protestantismo quanto nos estudos foucaultianos, o pastor é um diretor, ou seja, é aquele que conduz o rebanho para a renúncia de si. Entretanto, para Foucault (2020), ser pastor não é um cargo, mas sim uma função exercida por alguém que assume o papel de líder de um indivíduo ou de um grupo. No currículo investigado, o governo pastoral é exercido pela líder de Célula Raquel e por outros líderes, assim reconhecidos pelo grupo ao qual pertencem.

No princípio da direção cristã, a relação entre diretor e dirigido é organizada pela submissão e pela obediência e, embora essa relação conduza o jovem a um crescimento espiritual, ela jamais conduzirá “ao ponto em que pode se estabelecer a soberania sobre si mesmo, mas ao ponto em que, despojado de todo o domínio, o asceta só pode querer o que Deus quer” (Foucault, 2020, p. 168). Ou seja, por meio da direção cristã, o jovem cristão louco por Jesus é ensinado a renunciar a si em obediência a Deus, pois a verdade que essa direção revela é a de que somente o desejo de Deus é bom. Segundo Foucault (2020), ao ser dirigido, o indivíduo deve fazer com que suas ações sejam submetidas à vontade daquele que o dirige, passando a se conduzir segundo prescrições feitas

por ele. No caso do *Currículo da Célula Evangelizadora*, quem realiza a direção são os líderes de Célula e pastores e as prescrições de renúncia e obediência são reiteradas no currículo investigado. Entretanto, cabe ao jovem cristão conduzir-se conforme o que lhe fora ensinado. Para tanto, práticas de si como obediência exaustiva, confissão e autoanulação são exercidas a fim de que se produza o jovem cristão que renuncia a si mesmo e ao mundo.

A direção cristã conduzirá o jovem cristão Louco por Jesus à renúncia de si, por isso necessita ser repetidamente praticada, pois assim será possível governá-lo. A direção cristã se efetiva por meio de uma organização curricular bem-arquitetada. No *Currículo da Célula Evangelizadora*, as postagens são cuidadosamente selecionadas para dar visibilidade ao que se deseja ensinar. Na Figura 4 a seguir, “três fortes ensinamentos” são prescritos para conduzir o jovem por meio da direção cristã.

Figura 4 – Três fortes ensinamentos



Fonte: a.rede.

Aqui os ensinamentos foram listados de forma bem didática: confiar em Deus, não confiar em si mesmo e depender de Deus. Os jovens ainda são convocados a voltar a ser como crianças, que dependem e confiam no pai (Deus).

Já nesse ponto é possível estabelecer uma relação com a afirmação que Foucault faz sobre a direção cristã como sendo algo que jamais proporcionará ao indivíduo uma soberania sobre si mesmo. Ser dirigido para aprender e alcançar uma estatura que tornará o indivíduo livre da direção era o que se aplicava no estoicismo. No protestantismo, a direção torna o indivíduo consciente da sua total dependência de Deus. Por isso, o jovem cristão Louco por Jesus é comparado a uma criança. Ele dependerá de Deus e da direção cristã como uma criança depende de um adulto para ensinar-lhe sobre a vida. O objetivo da direção não é tornar o jovem cristão autossuficiente, pelo contrário, pretende-se criar uma dependência integral, por isso ele precisa voltar a ser criança, negando sua condição juvenil.

O jovem inserido no *Currículo da Célula Evangelizadora* deverá se conduzir de acordo com os ensinamentos prescritos nele. Afinal, “muitos que vivenciam um currículo acreditam nos saberes que ali se divulgam; esperam-se muito desse espaço social; confiam nas possibilidades que ali são construídas e investem nas aprendizagens que ali são oportunizadas” (Paraíso, 2010, p. 12). A confiança nas aprendizagens oportunizadas no *Currículo da Célula Evangelizadora* é percebida nos trechos da entrevista de Raquel, Miguel e Rute apresentadas anteriormente. Todos eles confiam naqueles saberes e estão dispostos a aprendê-los, seja nas reuniões de Célula, seja por meio da *a.rede*, no *Instagram*. Os jovens vão a esses espaços em busca de aprender e ser evangelizados e se conduzirem como jovens cristãos.

Desse modo, é possível dizer que, na direção cristã, a obediência, o exame de si e a confissão são práticas de governo de si e do outro que atuam na produção do jovem cristão Louco por Jesus que, abdicando da própria vida, renuncia a si mesmo. A partir do regime de verdade que institui a renúncia de si como única forma de aceder a Deus e à salvação, teremos uma regra de conduta moral a qual todo jovem cristão deve seguir. Conforme vimos acima no texto narrado no vídeo do Peregrino – “morrer para viver”. A mortificação da carne faz parte da conduta do/a jovem cristão/ã. Para Foucault (2020, p. 73), a carne “subjaz às regras que se lhe impõem”, ela deve ser compreendida como modo de experiência, isto é, como “modo de conhecimento e de transformação de si por si, em função de uma

certa relação entre anulação do mal e manifestação da verdade”. Essa não é uma relação harmoniosa, ao contrário, trata-se de uma disputa entre aquilo que fora instituído no regime de verdade sobre a salvação, que prescreve o que é o bem e o mal.

Em uma reunião da Célula, ao estudarem a Bíblia, a guerra entre a carne (corpo físico, vontades próprias) e o Espírito (vontade de Deus) foi o tema central, conforme registro em diário de campo a seguir:

Mateus está conversando com os/as jovens sobre a importância de se manterem fiéis aos “padrões do evangelho de Cristo” (palavras do Mateus). Colocou uma música e pediu que meditassem na letra e fizessem dela uma oração (Nota de diário de campo, 19/11/2021).

A música que Mateus colocou para tocar no *smartphone* é da jovem cantora gospel Luma Elpidio. A canção faz menção a essa guerra contra si mesmo travada por alguns cristãos. A letra narra como é viver a batalha contra as vontades da carne em favor da vontade do Espírito (Deus).

A música fala sobre uma batalha que é manter-se obediente à vontade de Deus, renunciar a si mesmo e aos prazeres do mundo. A renúncia de si é como uma libertação, alcançá-la é uma vitória contra o pecado. A música faz referência a uma batalha que nem sempre garante a vitória aos cristãos. Em alguns trechos, a cantora diz “o bem que eu quero fazer não faço / E o mal que eu não quero, esse sim / Acabo cometendo”, deixando escapar que nem sempre é possível renunciar à própria vontade. Esse trecho da música inspirou-se no apóstolo Paulo, no livro de Romanos: “Pois não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse pratico” (Bíblia, Romanos 7, 19 AA). Em outro trecho, é possível perceber que há um autorreconhecimento de si como praticante do pecado, ao afirmar que “não existe bem nenhum em mim/ apenas o pecado”. No entanto, o que é ressaltado na música é a necessidade de lutar permanentemente contra o pecado e contra as próprias vontades, afinal, não há nada de bom em si mesmo.

O exercício proposto por Mateus, de meditar na letra da canção e fazer dela uma oração, é uma prática de si que nos remete ao conceito de cuidado de si de Michel Foucault. Para o autor, o cuidado de si refere-se ao conjunto de práticas pelas quais o sujeito trabalha sobre si mesmo para transformar sua maneira de

viver. Em Foucault, trata-se de uma tecnologia de si que envolve exercícios, reflexão e disciplina. No cristianismo, esse cuidado assume características próprias, sendo orientado pela busca da salvação e pela conformidade com a vontade de Deus. O cuidado de si ocorre por meio das práticas que o indivíduo coloca em funcionamento sobre seu corpo, sua mente e sua alma, por meio das quais busca se transformar e se modificar (Foucault, 2014a). Vieira (2012) aponta a música como um instrumento capaz de fazer olhar para si, para suas emoções e sensações, sendo, portanto, uma prática de cuidado de si. O autor compara as técnicas de si e a performance musical:

As técnicas de si problematizam o sujeito, tornando-o sujeito estético, constituído em si mesmo. Numa situação artística, como é o caso da performance musical, a compreensão de si e o seu autoconhecimento são formas de se atingir um grande aprimoramento. Por meio do ‘cuidado de si’ o autoconhecimento é atingido (Vieira, 2012, p. 347).

Ainda que o autor não esteja falando apenas da letra da canção, mas sim de toda a performance que acompanha a música, suas reflexões são potentes para pensarmos na música como incitando um exercício de autoconhecimento, sobretudo considerando a orientação de Mateus para fazer dela uma oração, sua própria oração. Para que a música se torne uma oração, é necessário que o jovem se reconheça nas palavras que a compõem. Enquanto medita sobre ela, o jovem é levado a se reconhecer como alguém que precisa ser liberto de si para vencer o pecado. Ao propor que os jovens meditem na letra, exige-se que eles reflitam a partir de um instrumento que busca traduzir quem eles são. Esse exercício também faz parte do cuidado de si sob a forma de conhecimento de si. Segundo Vieira (2012, p. 344-345),

Para conhecer-se é preciso olhar-se em um elemento que seja igual a si: olhar-se em um elemento que traduza o princípio do saber e do conhecimento. Esse princípio de saber e de conhecimento, numa acepção próprio-musical, [...] como o reconhecimento, a busca e a intervenção da tradição. Portanto, é preciso olhar a tradição, e nessa tradição reconhecer a si mesmo.

A canção de Luma Elpidio expõe uma tradição do comportamento cristão, que é renunciar a si mesmo, ensinada desde a morte e a ressurreição de Jesus, para alcançar a salvação. Trata-se de uma tradição e ao mesmo tempo uma veridicção acerca da conduta cristã. Ao acionar uma canção que narra exatamente a batalha que vive o jovem cristão, experimenta-se um conhecimento de si que o

levará ao aprimoramento de sua conduta cristã. Acionar a música foi, então, uma estratégia de governo para conduzir a conduta dos jovens sob a forma de conhecimento de si e renúncia de si.

3 Uma disputa entre aceitação de si e renúncia de si

No tópico anterior, exploramos como o jovem cristão louco por Jesus se produz em meio a práticas de renúncia de si, que resultam em uma morte não física. Morte de quem se é para tornar-se quem demanda-se que seja. No entanto, durante uma dinâmica de quebra-gelo, na reunião da célula, ao serem questionados sobre o que os jovens gostariam de aprender em suas vivências, as respostas os levam a possibilidades contrárias à renúncia de si, conduzindo-os a uma aceitação de si, por um caminho de resgatar-se a si e os próprios desejos. Nessa prática curricular, os jovens foram questionados sobre algo que gostariam muito de aprender. As respostas que eles deram não se relacionam necessariamente a algo que poderia ser feito no âmbito de determinadas vertentes do cristianismo protestante. Embora sejam conduzidos a recusar viver as coisas que são propostas por este mundo, eles responderam sobre coisas que desejam fazer neste mundo e que não têm necessariamente relação direta com sua fé. Algumas respostas foram registradas na nota de diário de campo a seguir

Tocar violão, pular de bunge-jump e até pilotar avião foram algumas respostas dadas. Mas uma delas chamou atenção. A jovem Raquel disse que gostaria de aprender a dançar forró. Disse que já tentou aprender na faculdade, ali na praça central da UFMG, porém com o início da pandemia essa atividade foi suspensa. Questionada sobre o tipo de forró que gosta, ela respondeu que gosta do grupo Falamansa. A fala de Raquel gerou risos e piadas entre os/as jovens (Notas de diário de campo, 10/12/2021).

Raquel, líder da célula, disse que gostaria de aprender a dançar um ritmo musical que normalmente não é praticado entre jovens cristãos/ãs, citando um grupo musical secular, que em nada se relaciona com a doutrina cristã. De acordo com Olívia Carvalho (2014), as músicas seculares são aquelas que se diferem das canções gospel, ou seja, que não trazem consigo a missão de expressar uma fé religiosa da salvação em Cristo. A autora afirma que:

A oposição gospel/secular reflete a separação operada na modernidade

entre o sagrado e o secular, como domínios distintos. No entanto, as fronteiras entre esses domínios não são fixas, e o estudo da música gospel deixa evidente essa tensão, principalmente quando observamos que a tensão entre sagrado e secular não pode ser vista apenas como um conflito entre o religioso e o profano, mas se reveste de outros sentidos que essas palavras também adquirem na modernidade (Carvalho, 2014, p. 2).

Conforme Carvalho (2014, p. 3) destaca, “a definição do que é sacro ou secular não é consensual nem estável”. O posicionamento de Raquel gerou risos e bastante agitação entre os jovens. Frases como “*Está precisando jejuar mais*” e “*Podia ser pelo menos forró gospel*” foram disparadas entre risadas e clima de zação. Raquel também riu e afirmou que “*um forrózinho não faz mal*”. Esse episódio nos mostra que um currículo, “em suas bifurcações, em seus escapes, variações e linhas de fugas” (Paraíso, 2010a, p. 587), possibilita que vivências diferentes sejam também experimentadas. Escapes como esse foram percebidos algumas outras vezes durante a observação e também nas entrevistas.

Antes do início da reunião Miguel, Maria e Silas estão se organizando para irem ao estádio de futebol no domingo. Eles e ela estão animados/as, falam do time com empolgação. Durante a reunião de Célula, a líder mencionou um evento que acontecerá na igreja no mesmo dia do jogo e lembra da importância que todos/as participem. Maria interrompe e diz que domingo é “sem chances” de ir à igreja, pois vai assistir ao jogo no estádio. Miguel e Silas concordam com Maria (Nota de diário de campo, 04/02/2022).

Nesse trecho da nota de diário de campo, nota-se a tentativa da líder Raquel em conduzir a conduta dos jovens para que eles participem de um evento organizado pela Igreja. Entretanto, Maria, Miguel e Silas resistem, pois estão decididos a se conduzirem conforme o desejo que têm de ir ao estádio. Os jovens foram taxativos e descartaram completamente a possibilidade de fazerem o que a líder espera que façam na posição de jovens cristão protestante. Raquel não discutiu mais sobre isso com os jovens, apenas reafirmou que era importante estar no culto de domingo. A condução da conduta desses jovens resiste à prescrição curricular de renúncia de si. Durante a entrevista, quando perguntado para Miguel como o jovem cristão deve se comportar e ele respondeu:

Como qualquer jovem. Acho uma besteira achar que somos diferentes daqueles[/as] que não vão à igreja. Tenho muitos[/as] amigos[/as] que não são cristãos[/ãs] e a gente faz as mesmas coisas. Não que eu cometa os pecados que eles[/as] cometem... nem tudo é pecado também. Tem os pecados que a Bíblia fala... outras coisas não são pecado, só não convém fazer. Eu troco ideia com eles[/as], jogamos juntos[/as],

compartilhamos filmes, músicas, séries... tem um monte de coisa que a gente pode fazer (Miguel, 21 anos, entrevista).

Perguntado sobre que tipo de filmes e músicas e se seriam do universo gospel, respondeu.

Não necessariamente. Qualquer filme e qualquer música. Eu troco [de trocar, compartilhar] mais as que falam de Cristo porque é o que eu vivo. Mas escuto e curto coisas seculares, desde que tenham respeito. Algumas músicas mesmo sendo seculares nos ajudam a ser corretos (Miguel, 21 anos, entrevista).

Após pedir um exemplo desse tipo de música, ele citou Tiago Iorc⁶. Percebe-se que, para Miguel, ser cristão não exige necessariamente uma anulação completa de si. O jovem destaca que o importante é não cometer pecados, ressaltando que nem tudo deve ser considerado pecado. Para ele, algumas coisas são apenas inconvenientes para a conduta cristã. Ele ainda afirma que escuta as músicas seculares que seus amigos lhe enviam.

Miguel demonstra habilidade em transitar entre os gêneros musicais, sem encarar isso como prática de pecado. Percebe-se que, assim como aponta Carvalho (2014), a fronteira que separa os dois gêneros musicais é borrada e não há um consenso sobre isso no protestantismo. Foi possível perceber isso entre os jovens durante a observação quando Raquel falou de um grupo secular com naturalidade e alguns jovens reagiram com espanto, mesmo que em tom de brincadeira, e também nas afirmações de Miguel sobre estilos musicais. Entretanto, o que chama atenção nesses comportamentos é a afirmação de si como sujeito de vontades e desejos. Embora no *Currículo da Célula Evangelizadora* ensina-se sobre renúncia e morte de si, alguns escapes surgem quando o desejo faz fluir a vontade própria.

Considerando os estudos foucaultianos, esse movimento de conduzir-se pela vontade do outro e, ao mesmo tempo, pela própria vontade, nada tem de espantoso. Afinal, a governamentalidade não é um poder localizável nem algo que um indivíduo ou instituição detém. Como afirma Candiottto (2008, p. 91), “Foucault quer mostrar que a governamentalidade abrange tanto as diferentes maneiras de governar os outros quanto as diversas modulações do governo de si

⁶ Tiago Iorc é um cantor e compositor brasileiro. Outras informações sobre o autor podem ser acessadas no portal Sesi Eventos SP. Disponível em: <https://www.sesisp.org.br/evento/45737fd6-3e95-433c-922e-ed10e297df8d/tiago-iorc>. Acesso em 20 de jul. de 2026.

mesmo”. Nesse movimento entre ser conduzido e se conduzir, outras formas de existir são inauguradas, trazendo outras formas de existência.

Conclusão

Neste artigo analisamos como o jovem cristão é conduzido à renúncia de si. Por meio das práticas de evangelização, é produzido um jovem cristão que renuncia a si mesmo para viver conforme a vontade de Deus. Ele é governado por um regime de verdades sobre a salvação cristã, que afirma que, para aceder a Deus e ser salvo, o jovem cristão precisa morrer para as próprias vontades em detrimento da vontade de Deus. Desse modo, produz-se o Louco por Jesus, um jovem que se considera um peregrino no mundo em vive, caminhando em direção à vida eterna. Loucura para uns, mas, para o jovem cristão, viver a vontade de Cristo em detrimento de sua própria vontade é o único motivo de ainda estarem neste mundo. Por meio da direção cristã, ele irá se conduzir por práticas de renúncia de si, não aceitando ser governado pelos padrões da vida cotidiana, sobretudo aqueles considerados como pecado. Embora a demanda por um jovem que renuncie às próprias vontades tenha sido prevalente no currículo investigado, observou-se, também, que nem sempre essa é a forma como o jovem cristão se conduz. Enquanto no *Currículo da Célula Evangelizadora* ensina-se sobre renúncia e morte de si, alguns escapes surgem quando o desejo faz fluir a vontade própria. Ainda que de forma incipiente, o jovem cristão que resiste em renunciar as próprias vontades também é produzido no currículo investigado.

Nos limites do presente artigo, algumas discussões não estiveram na linha de frente do trabalho, como a questão da definição precisa do pecado. Também não foi explorado como os ensinamentos sobre o pecado são transmitidos aos jovens, uma vez que isso exigiria uma investigação voltada às práticas desenvolvidas pela Igreja e por outros espaços de formação religiosa. O foco do estudo esteve na produção do jovem cristão no *Currículo da Célula Evangelizadora*, constituído pelas reuniões de Célula e pelas interações na *a.rede*. Embora essas práticas estejam relacionadas às prescrições da Igreja, a definição do que é considerado pecado não emergiu diretamente nas cenas observadas, possivelmente por ser abordada em outros contextos de formação religiosa. Essa questão permanece como uma possibilidade para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Eliana. **A visão celular no governo dos 12**: estratégia de crescimento, participação e conquista de espaços entre os batistas soteropolitanos de 1998 a 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, Salvador, 2010.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução Almeida Corrigida Fiel (ACF). São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2011.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução Almeida Atualizada (AA). Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

CANDIOTTO, Cesar. Subjetividade e verdade no último Foucault. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 87-103, 2008.

CARVALHO, Olívia. Música gospel: aproximações e conflitos entre o sagrado e o secular. **Trabalho apresentado na Reunião Brasileira de Antropologia**, 29., realizada entre os dias 3 e 6 de agosto de 2014, Natal/RN.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Edição estabelecida sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana, por Frederic Gros: Tradução de Marcio Alves da Fonseca, Selma Tannus Muchail. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. O cuidado com a Verdade. In: **Ditos e escritos**, volume V: ética, sexualidade, política. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a. p. 234-245.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2**: O uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 5. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Terra e Paz, 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 4**: As confissões da carne. Tradução de Heliana de Barros Conde Rodrigues, Vera Portocarrero. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

LOUBAK, Ana. Como baixar vídeos do Instagram Reels e salvar no celular. **TechTudo**, 2020. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2020/07/como-funciona-o-reels-no-instagram-perguntas-e-respostas-sobre-a-funcao.ghml>. TechTudo. Acesso em: 20 jul. 2026.

MEYER, Dagmar; PARAÍSO, Marlucy. A. (Org.) **Metodologia de pesquisas pós-crítica em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

PARAÍSO, Marlucy. Diferença no currículo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 140, p. 587-604, maio/ago. 2010.

PARAÍSO, Marlucy. (Org.). **Pesquisas sobre currículo e culturas**: temas, embates, problemas e possibilidades. Curitiba: CRV, 2010a.

PEIXOTO, Fernanda. Reels: entenda a ferramenta do Instagram e de que forma pode ajudar você. **Culturadoria**, 2020. Disponível em:

<https://culturadoria.com.br/entenda-o-reels/>. Acesso em: 19 set. 2022.

SILVA FILHO, Mariano. **Religião virtualizada**: a oferta de bens simbólicos no percurso da religiosidade na internet. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco, 2011.

VIEIRA, Daniel. Para o princípio do ‘cuidado de si’ na práxis musical do pesquisador: a filosofia de uma metodologia. **DAPesquisa**, v. 9, p. 341-352, 2012.